

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MONOGRAFIA

**Filosofia da Medicina Veterinária:
espelho da ética intimista da humanidade**

CLECIR MARA ROSARIO

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Filosofia da Medicina Veterinária:
espelho da ética intimista da humanidade

CLECIR MARA ROSARIO

Sob a orientação do Professor
Walter Valdevino Oliveira Silva

Monografia submetida como requisito
parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Filosofia, no Curso de
Licenciatura em Filosofia.

Seropédica, RJ
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

CLECIR MARA ROSARIO

Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia, no Curso de Licenciatura em Filosofia.

MONOGRAFIA APROVADA EM:/...../.....

Dr. Walter Valdevino Oliveira Silva (Orientador)

Dr. Francisco Moraes

Dra. Cristiane Azevedo

RESUMO

ROSARIO, Clecir Mara. **Filosofia da Medicina Veterinária: espelho da ética “intimista” da humanidade.** 2023. Monografia (Curso de Licenciatura em Filosofia). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Filosofia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Esta monografia consiste em análises e reflexões que almejam investigar a postura da humanidade cuja racionalidade não a impede de agir somente em prol de si mesma, e a pesquisa se especifica no campo do curso de Medicina Veterinária, no qual esse fato se evidencia, uma vez que o curso de Medicina Veterinária não se volta totalmente aos cuidados médicos com os animais não humanos, atuando de forma a fornecer alimentação humana de base animal e propiciar o acúmulo de riquezas. Assim, o uso do termo “ética intimista” no título se refere justamente a essa ética desenvolvida pela humanidade que se volta inteiramente para si própria, uma ética de foro íntimo e privado, constituindo-se ela própria o cerne do problema aqui investigado, o que leva ao questionamento acerca da evolução moral atribuída aos seres humanos pelo senso comum como corolário de uma espécie superior. De tal corolário resulta o especismo, a postura do homem como ser superior, como se apenas a espécie humana tivesse direito à vida, à dignidade, enquanto as outras espécies são apenas os “bichos”, os “animais”, como se animais não fôssemos. Trata-se de buscar compreender como os compromissos conceituais, os conceitos epistêmicos e éticos afetam a maneira como categorizamos a vida, e como tais conceitos moldam ativamente a filosofia da Medicina Veterinária, assim como moldam o comportamento humano em relação aos animais não humanos. Conclui-se, com este estudo, após análise do debate entre Peter Singer e Frans de Waal, que é possível expandir o círculo da moralidade para conceder, senão igual consideração a todas as espécies, ao menos o reconhecimento que, como legado de nossa superior capacidade racional, temos uma obrigação ética com tudo o que vive.

Palavras-chave: Ética. Moralidade. Medicina Veterinária. Humanidade. Consideração moral.

ABSTRACT

ROSARIO, Clecir Mara. **Philosophy of Veterinary Medicine: a mirror of humanity's intimate ethics**. 2023. Monograph (Bachelor's Degree in Philosophy). Institute of Human and Social Sciences, Department of Philosophy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

This monograph consists of analyzes and reflections that aim to investigate the stance of humanity whose rationality does not prevent it from acting only in favor of itself, and the research is specific in the field of the Veterinary Medicine course, in which this fact is evident, since that the Veterinary Medicine course is not entirely focused on medical care for non-human animals, acting to provide animal-based human food and encourage the accumulation of wealth. Thus, the use of the term “intimate ethics” in the title refers precisely to this ethics developed by humanity that turns entirely on itself, an ethics of an intimate and private nature, which itself constitutes the core of the problem investigated here, the which leads to the questioning about the moral evolution attributed to human beings by common sense as a corollary of a superior species. This corollary results in speciesism, the stance of man as a superior being, as if only the human species had the right to life and dignity, while the other species are just “critters”, “animals”, as if we were not animals. . It is about seeking to understand how conceptual commitments, epistemic and ethical concepts affect the way we categorize life, and how such concepts actively shape the philosophy of Veterinary Medicine, as well as shaping human behavior in relation to non-human animals. It is concluded, with this study, after analyzing the debate between Peter Singer and Frans de Waal, that it is possible to expand the circle of morality to grant, if not equal consideration to all species, at least the recognition that, as a legacy of our superior rational capacity, we have an ethical obligation towards everything that lives.

Keywords: Ethics. Morality. Veterinary Medicine. Humanity. Moral consideration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. MEDICINA VETERINÁRIA	11
1.1- História da Medicina Veterinária	11
1.2- Medicina Veterinária na atualidade.....	12
1.3 - O amparo legal.....	16
2. A MORALIDADE QUE NOS CONSTITUI	17
2.1- De onde provém a moralidade	17
2.2 - O sujeito ético contextualizado	20
2.3 - Expansão do círculo da moralidade	22
2.4 – A animalidade humana	25
3. ESPECISMO	28
3.1- A discriminação das espécies.....	28
3.2- Dominação e exploração	29
3.3- Políticas públicas	30
3.4 - Empatia entre as espécies	32
4. UM NOVO OLHAR SOBRE A MEDICINA VETERINÁRIA	34
4.1-Definição de Medicina.....	34
4.2- Fundamentação dos Cursos de Especialização.....	35
4.3 -Ética na Filosofia da Medicina Veterinária	36
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS	40

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Campo de atuação do médico veterinário	13
Quadro 2 - Habilidades	14
Quadro 3 - Relação com outras áreas do saber	15
Figura 1 - Pirâmide flutuante	26

INTRODUÇÃO

No decorrer desta pesquisa, busca-se analisar como a jornada da humanidade ao longo dos tempos culminou no modelo atual, no homem contemporâneo, imerso em concepções de mundo que parecem equivocadas, como será demonstrado. Além disso, esta pesquisa se propõe ao questionamento da existência de uma possível solução aos problemas contemporâneos, como se busca um fio invisível que possibilite a construção de um mundo no qual caiba um futuro, sem, no entanto, abrigar-se em utopias. O problemático momento atual, neste trabalho, se materializa no problema do curso de Medicina Veterinária, no qual se pode perceber, ao lado dos objetivos próprios da medicina, a existência de objetivos de preservação e valorização da humanidade, buscando benefícios próprios ao homem enquanto generalização da espécie, e não voltado unicamente ou prioritariamente ao bem-estar animal. Neste mesmo diapasão, é possível vislumbrar, ainda no contexto atual, da contemporaneidade, a destruição de todo um planeta no desrespeito aos ecossistemas, na utilização de animais considerando-os “coisas” sem direito à dignidade, à liberdade, à vida, como se seres vivos não fossem. Observa-se a exploração indiscriminada dos recursos naturais, numa intensa valorização de recursos financeiros e tecnológicos, e correspondente desvalorização da vida.

Por um lado, para pretender atingir um nível razoável de compreensão, será preciso considerar a teoria da evolução, mergulhando nas questões do evolucionismo moral, e não apenas do evolucionismo biológico, uma vez que a perspectiva evolutiva mostra que não fomos selecionados evolutivamente para ter preocupações com outras espécies. Por outro lado, necessário se faz considerar as questões culturais, sociais e econômicas que, em uníssono com a evolução, definem ou, ao menos, justificam esta humanidade que se descortina à observação e análise deste trabalho.

Isto posto, torna-se inevitável deitar o olhar sobre as políticas públicas, que tanto atuam na condução das sociedades. Considerando-se a humanidade organizada socialmente em grupos familiares, comunidades e nações, descortina-se um cenário no qual o governo, por meio de suas instituições e representantes, conduz o comportamento social através de legislação, coerção, educação e punição. Cabe, então, questionar em que direção vem se dando tal condução. Assim, este trabalho se propõe a investigar a

participação e responsabilidade das políticas públicas neste cenário: o curso de medicina veterinária poderia ser voltado exclusivamente aos cuidados com a vida dos animais não humanos, deixando suas aplicabilidades direcionadas à saúde e à alimentação humanas para os cursos de especialização, se a educação formasse outro tipo de consciência? Se a educação se preocupasse mais com a formação da consciência crítica, o médico veterinário poderia ter sua formação totalmente voltada à medicina?

No caminho investigativo, este trabalho iniciará com a análise e a exposição da atividade de Medicina Veterinária no Brasil, passando por sua história, seu desenvolvimento, chegando ao momento atual, com suas aplicabilidades que revelam grande versatilidade, bem como a legislação que rege a atividade. Diante de tal análise, se perceberá que muitos são os setores de atuação do médico veterinário, e de forma alguma este trabalho pretende desmerecer a real necessidade de atuação do médico veterinário em áreas que garantem a saúde humana através de segurança alimentar, traduzida em alimentação de qualidade, ou mesmo através de convívio social livre de zoonoses. A investigação é no sentido de que o curso de Medicina Veterinária, em um primeiro olhar, seria um curso voltado à preservação da vida e da saúde dos animais não humanos, e todas estas outras áreas de atuação, necessárias à sociedade, poderiam constituir cursos de especialização aos pós-graduandos interessados. Porém, em detrimento disso, tem-se como disciplinas obrigatórias no curso de Medicina Veterinária também aquelas que se destinam a capacitar as atuações do médico veterinário às atividades de cuidados com o próprio homem, como produção, comércio e fiscalização de carnes destinadas à alimentação humana.

Seguindo nesta busca investigativa, caberá, então, com a ajuda de Frans de Waal, como num jogo de quebra cabeças, buscar o encaixe do pensamento motor deste trabalho na teoria da evolução, com a intenção clara de compreender como a moralidade evoluiu, e, numa ambição ainda mais desmedida, compreender se existem caminhos e quais seriam esses caminhos que pudessem construir uma moralidade que fosse capaz de se ocupar da vida, e não somente da vida humana. Peter Singer afirma que sim, que tais caminhos existem, enquanto Frans de Waal considera impossível haver igual consideração a toda a vida na Terra.

Para elaboração de tais questionamentos e consequentes possíveis elucidações, será possível contar com os pensamentos acerca da ética animal, trazendo à luz o especismo, o que permitirá a apreensão do significado do termo “ética intimista”, aqui abordado, procurando demonstrar o quanto as ações humanas voltam-se ao bem humano, numa visão equivocada, intimista, egoísta, incapaz de perceber que o bem humano se encontra atrelado ao bem de todo o universo que acolhe o ser humano.

Levantadas tais questões, cumpre, então, analisar o curso de Medicina Veterinária à luz de tais questões, empreendendo um esforço de compreensão das razões pelas quais é assim estruturado, seguindo no encalço de soluções não apenas para o curso, mas para construções de pensamentos capazes de reconhecer a unidade do universo e de estabelecer a vida humana em comunhão com toda vida existente. Não se pode nem sequer afirmar que exista um véu a nublar a compreensão de que estamos, enquanto humanidade, num caminho errado, capaz de nos conduzir ao extermínio. A intensa obscuridade que envolve tal tema suplanta em muito a tenuidade velada. Isso porque, como se pretende analisar, o homem contemporâneo acorda todos os dias com uma série de substratos filosóficos que norteiam sua existência, mas não se dá conta disso.

Antes de chegar este trabalho à sua conclusão, a colocação com maior clareza do problema filosófico específico alvo desta pesquisa se faz mister, sem a pretensão de oferecer respostas prontas, soluções práticas e imediatas ou se aboletar no alto de pretensa sabedoria capaz de corrigir as mazelas da sociedade ou mesmo os descaminhos da humanidade. Esta pesquisa pretende levantar o questionamento, provocar o pensamento, ampliar os olhares, semear as perguntas: a humanidade caminha na direção certa? É possível mudar a postura, reconectando a espécie humana ao seu habitat?

Não se trata mais de abordar a filosofia da Medicina Veterinária, mas, a partir da estupefação constatada no curso de Medicina Veterinária, abordar a construção filosófica de um mundo no qual se possa existir e coexistir, abordar a construção filosófica de um mundo que possa existir, ele mesmo, num futuro nem tão distante assim.

1. MEDICINA VETERINÁRIA

O curso de Medicina veterinária destina-se à formação de médicos veterinários, sendo oferecido em diversas universidades públicas e particulares do país.

Médico veterinário é o profissional que trata da saúde dos animais domésticos, silvestres, animais de grande porte, ruminantes, aves, répteis etc. Este profissional atua prioritariamente no controle de zoonoses, e é muito importante para a manutenção da saúde humana em sociedade. É de sua competência a fiscalização em locais de criação, em matadouros, frigoríficos, supermercados e açougues. Onde houver produção para consumo de alimentos de origem animal, aí também atuará o médico veterinário.

Explicita-se que o público-alvo da profissão é o ser humano, e não os animais não humanos.

1.1 HISTÓRIA DA MEDICINA VETERINÁRIA

A relação entre homens e demais animais esteve pautada pela dominação e exploração desde os primórdios de nossa história, o que num contexto natural de evolução é perfeitamente condizente, e desta forma foram domesticados aqueles animais que trouxessem benefícios aos homens. O desenvolvimento das civilizações pôde ser fomentado a partir do momento em que o homem domina a caça, produz seu alimento criando animais para obtenção de carne, de ovos, de leite, cria novos meios de transportes, passa a adquirir lã, couro e pêlo para proteção contra o frio e, por fim, adota o modo de vida sedentário, utilizando os lobos para defesa de sua propriedade e de sua integridade física.

Hippiatrika¹ é considerado o primeiro tratado enciclopédico sobre a criação e tratamento de animais. Encontrado em meados do século VI em Bizâncio, atualmente capital da Turquia, Istambul. Este tratado continha 420 artigos, e destes, 121 eram atribuídos a Apsirtos, considerado o pai da medicina veterinária.

¹ DE SENA DRESSEL,, T. (2015). *A Medicina Veterinária na história da humanidade: a ciência dos animais na base das civilizações*.

A arte de Esculápio ou Asclépio, deus da Medicina e da cura, fora registrada em antigos manuscritos árabes. Numa época assolada por muitas enfermidades que eliminavam rebanhos inteiros na Europa, como a febre aftosa, a peste bovina, carbúnculo e pneumonia, os árabes, que nutriam forte apreço por cavalos, criaram a hipiatria, uma área da medicina que lida exclusivamente com aqueles animais. Já o tratamento dos bovinos enfermos era realizado por pessoas de camadas mais humildes da sociedade, camadas inferiores, como pastores, boiadeiros e ferreiros, os quais utilizavam métodos repletos de fetiches e superstições.

A medicina veterinária começou a ser formalmente ensinada em Lyon, França, no ano de 1762. A primeira escola fora criada pelo hipologista e advogado francês Claude Borgelat, sendo que os primeiros a serem tratados foram os animais que serviam como força de trabalho.²

Destarte fica esclarecido que, desde o início do exercício da medicina veterinária, esta fora instituída com a finalidade de cuidar do patrimônio das pessoas, de seus bens semoventes – tratamento dado pela legislação aos animais não humanos, que são considerados bens, como “coisas” que são.

1.2 MEDICINA VETERINÁRIA NA ATUALIDADE

Quando se ouve falar em médico veterinário, a imagem que se forma quase que instantaneamente na maioria do imaginário coletivo é a figura do clínico de animais de companhia, especialmente cães e gatos. Ocorre que essa atividade de clínica de pequenos animais não representa toda a atividade do médico veterinário, que é muito mais ampla, pois, além de abarcar a clínica de pequenos animais, abarca ainda a clínica de equinos, ruminantes, aves, suínos e animais silvestres, e se estende por toda a indústria e comércio de alimentos de origem animal, desde a manipulação com objetivos de melhoramento genético, criação, desenvolvimento de rações e medicamentos, técnicas de abate, fiscalização do cuidado e armazenamento das carnes e demais produtos de origem animal, até as grandes redes de supermercados que levam os animais à mesa das famílias.

² de Sena Dressel, T. “A Medicina Veterinária na história da humanidade: a ciência dos animais na base das civilizações”. Salão Do Conhecimento, 2015. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/4904> (acesso em 21/11/2023)

Quadro 1: Campo de atuação do médico veterinário

Área	Atribuição
Na indústria de alimentos de origem animal: as indústrias de laticínios, os abatedouros e processadores de carne, as cooperativas, as granjas avícolas e de suínos, os produtores de mel, de peixes e camarões, e as grandes redes de supermercados.	Toda a manipulação de aves, bovinos, suínos e quaisquer animais destinados à alimentação humana, assim como seus derivados, deve ser monitorada pelo Médico Veterinário em todas as fases, por determinação legal. (DEC. Nº 9013/2017)
Na indústria de ração e medicamentos veterinários	O médico veterinário é requisitado para participar, tanto na área técnica e regulatória, como na produção laboratorial, na pesquisa, além de toda a área gerencial e comercial.
No meio rural	A clínica de silvestres; a clínica de ruminantes e equinos; a implantação de novas tecnologias para aumentar a produtividade; o gerenciamento de empreendimentos pecuários; a consultoria técnica em produção animal; a aplicação de programas sanitários em fazendas etc.
Na agropecuária	A necessária e competente atuação dos Veterinários na preservação ambiental.
Na ecologia e a preservação do meio ambiente	Correto descarte de resíduos de origem animal, e à preservação da fauna silvestre sempre ameaçada.
Na área governamental	Participação no planejamento, pesquisa e extensão rural, bem como em fiscalização ambiental.
Na educação	Docente e pesquisador de universidades ou centros de pesquisa, contribuindo para a formação de novos profissionais ou aperfeiçoando os procedimentos técnicos de produção e sanidade animais.

Na clínica de animais de companhia	Os cuidados com estes pequenos significa cuidar das famílias que os abrigam e de todas as pessoas que têm contato direto ou indireto com eles.
------------------------------------	--

Fontes: CFMV/Lei 5517/68

Antes e prioritariamente, a atividade do médico veterinário é voltada para o bem-estar da sociedade e é fundamental para a saúde pública. O médico veterinário está a serviço da sociedade, e sua missão é a conservação e a melhoria da qualidade de vida do homem. Para o bom exercício de suas atribuições, em sua formação estão inseridas as disciplinas que os capacitem a contento.

Quadro 2: Habilidades

Habilidades adquiridas durante a formação do Médico Veterinário	
Produção e garantia de qualidade de alimentos de origem animal	Cuidados com a saúde, alimentação e higiene dos animais destinados ao consumo humano.
Controle de zoonoses	Doenças transmitidas do animal ao homem, ao exemplo da raiva, tuberculose e leishmaniose.
Controle de animais sinantrópicos	Tais como insetos, roedores etc.
Proteção do meio ambiente	Em relação à poluição oriunda da produção de animais, o Brasil gera aproximadamente um milhão de toneladas de sangue de aves, bovinos e suínos ao ano que era descartada em rios. A maior parte dessa matéria-prima hoje é transformada em alimento e ingredientes para a fabricação de ração.
Manutenção da saúde e bem-estar dos animais de companhia	Animais de companhia são utilizados em tratamentos médicos, apoio psicológico, auxiliam investigações policiais, perseguições, buscas etc.

Fonte: CRMVSP

Todo o ordenamento jurídico vigente organiza a sociedade de maneira a contemplar o bem-estar humano, como não poderia deixar de ser. O questionamento aqui é a respeito do que seja o bem-estar humano, e se realmente o bem-estar humano é excludente do bem-estar dos animais não humanos.

A legislação exige a presença de um Responsável Técnico Veterinário em todo empreendimento onde haja criação, manutenção e venda de animais domésticos, silvestres e exóticos, e de produtos de uso veterinário, pois se faz necessário garantir a qualidade dos produtos oferecidos ao mercado.

O tempo, incessante em sua trajetória, constantemente obriga mudanças e adaptações, impondo o acompanhamento da evolução das necessidades da sociedade, cada vez mais complexas.

Então, se deve pensar quais são essas necessidades, e aonde elas nos levarão, enquanto humanidade. Estamos priorizando as necessidades reais do ser humano? As necessidades criadas pelo capitalismo são as que devem nos mover enquanto humanidade?

Os rumos da Medicina Veterinária deveriam ser desvinculados das técnicas de indústria e alimentação e se voltar para o bem-estar animal. Seria uma grande inovação para a humanidade: se envolver em algo que visasse o bem-estar do outro, no mais abrangente significado da palavra “outro”.

Sendo uma área que se relaciona com diversas outras áreas do saber, a Medicina Veterinária se coloca no mundo atual em grande distanciamento de sua proposta inicial, quando surgira na antiguidade, e se aproxima da caracterização de mundo moderno na concepção de humano clássico que nos remete a Descartes, que coloca o homem como único valor a ser considerado.

Quadro 3: Relação com outras áreas do saber

Medicina	Saúde pública
Farmácia e Química	Produção de medicamentos veterinários e realização exames laboratoriais para confirmação de diagnósticos clínicos e da qualidade dos alimentos de origem animal
Engenharia agrônoma	Agrotóxicos, controle de pragas e endemias
Economia sustentável	Maior rentabilidade e menor custo financeiro
Zootecnia	Na produção de animais
Psicologia	No treinamento de animais de trabalho
Advocacia	No ramo da medicina legal e peritagem

Marketing e Administração de empresas	Dedicadas à produção de medicamentos veterinários e rações
---------------------------------------	--

Fonte: CFMV

Observando-se as demais áreas do saber, percebemos que esta é uma característica comum a todas elas: o direcionamento para único bem da humanidade, demonstrando incapacidade de utilização da racionalidade humana para o cuidado com o planeta e com as vidas que não sejam humanas, se tal cuidado não tiver por objetivo o cuidado com o homem. A vida pela vida não basta, a não ser que se trate da vida humana.

1.3 AMPARO LEGAL

A Lei N.º 5.517/68 dispõe sobre o exercício da profissão de Médico Veterinário e cria os Conselhos Federal e Regionais de Medicina Veterinária. O Decreto N.º 64.704, de 17 de junho de 1969, aprova o regulamento do exercício da profissão de Médico e dos Conselhos de Medicina Veterinária.

Apesar de tais dispositivos legais, muito importantes a partir da segunda metade do século XX, fica claro que a evolução e o desenvolvimento da formação e do exercício da medicina veterinária avançam – ou retrocedem – de mãos dadas com a humanidade, com o desenvolvimento das civilizações, e esse é o lugar onde repousa a possibilidade de que algum dia no futuro seja vislumbrada uma Medicina Veterinária voltada prioritariamente ao cuidado com vidas outras que não humanas.

2. A MORALIDADE QUE NOS CONSTITUI

Se a bondade moral é algo real, então a maldade também é. A bondade requer que o outro seja alvo de considerações morais, que o outro seja tratado de forma apropriada e condizente, enquanto a maldade age de forma contrária, invoca um egoísmo capaz de ignorar ou maltratar os outros. A bondade e a maldade são parte de um código de moralidade que orienta a conduta humana:

No que se refere à moralidade humana, característica da sociedade humana, surgiu um debate paralelo acalorado que confronta razão e emoção. Uma escola considera a moralidade como uma inovação cultural alcançada por nossa espécie apenas. Essa escola não vê as tendências morais como parte integrante da natureza humana. Nossos ancestrais, afirma essa corrente, tornaram-se morais por escolha. A segunda escola, em contraposição, considera a moralidade como um produto direto dos instintos sociais que compartilhamos com outros animais. Na última visão, a moralidade não é nem peculiar a nós nem uma decisão consciente adotada em um período específico; é o produto da evolução social.³

Considerar a moralidade uma camada superficial a nos revestir, de forma a esconder e adestrar uma natureza verdadeiramente brutal, egoísta e incompatível com uma pacífica existência social, é o que Frans de Waal denominou “teoria do revestimento”, e cuja visão contrasta com o ponto de vista de Charles Darwin que, a partir da teoria da evolução, pôde dar luz à ideia de uma moralidade evoluída.

2.1- DE ONDE PROVÉM A MORALIDADE

A vida é pulsante no planeta, de forma admirável e grandiosa. Ao observar a natureza, as florestas, estrelas, rios, a diversidade e a riqueza interminável de vida existente em cada centímetro quadrado, a respiração fica suspensa, e o espanto surge genuíno, fazendo brotar a curiosidade acerca das maravilhas da natureza que esculpiram o mundo tal como é hoje conhecido. Charles Darwin formulou tais perguntas, investigou, buscou respostas, e elaborou a mais interessante explicação para o que somos hoje enquanto seres integrais partes da exuberante natureza: apresentou ao mundo a Teoria da Evolução, que explica a diversidade da vida, com sua enorme quantidade de seres distintos e também explica a semelhança entre as espécies, como se adaptam e mudam; e é a única teoria científica aceita para explicar a evolução da vida em nosso planeta porque encontra comprovação em vasta quantidade de evidências.

³ Waal, Frans de. *Primatas e Filósofos*. São Paulo: Palas Athena Editora, 2020, p. 32.

A teoria da evolução afirma que há uma origem comum a diversas espécies, que a seleção natural e a constante necessidade de adaptação foram, ao longo dos tempos, fazendo com que animais totalmente diferentes de seus antepassados surgissem, e que outros fossem extintos, como facilmente se comprova através dos registros fósseis. Sendo assim, por exemplo, a observação de semelhanças entre embriões de espécies diferentes evidencia um parentesco em sua origem, permitindo concluir que a evolução das espécies é uma realidade.

Compreender que o ser humano é fruto da evolução precisa abarcar toda a complexidade deste ser, a qual abrange o indivíduo e a sociedade, abrange o biológico e o psíquico, englobando a moralidade que coordena a conduta social e os valores dos quais se reveste a sociedade. A moralidade é um conjunto de valores caros à humanidade, como nos ensina Frans de Waal.

Porém, o conjunto de valores que fazem parte da humanidade é de tal natureza, que o ser humano não apoia e não respeita os demais entes naturais, não compreende que ele próprio é parte dessa natureza e não foi capaz, até o presente momento, de construir sua existência em harmonia com o planeta que o abriga. O que faz é subjugar tudo o que pode dominar, e destruir e menosprezar tantas vidas não humanas. Que valores são esses que nos conduzem, a humanidade, ao *status* de predadores?

Moral tem sua origem no latim, que vem de “*mores*”, significando costumes. Moral é um conjunto de normas que regulam o comportamento do homem em sociedade, e estas normas são adquiridas pela educação, pela tradição e pelo cotidiano, sendo relativa a uma determinada época. Não é um sistema rígido e imutável, pois adapta-se e varia de acordo com o contexto. Algo normalizado na conduta pode vir a se tornar imoral, por exemplo.

A moralidade imputa regras que possibilitam o bom viver social, porém somente a vida humana parece estar inserida nesse sistema de valores, numa categorização da vida que leva o ser humano a fazer de si próprio a personificação do bem ou do mal, uma espécie de deus, o senhor absoluto de tudo o que há, colocando em níveis inferiores qualquer vida que não a humana.

A crença de que a moralidade tem base objetiva é uma das razões pelas quais ela funciona. Porém, não é possível negar que somos produto do processo evolutivo, no sentido de que o ser humano não é apenas o físico: envolve o psíquico, físico, social, moral, tudo o que nos constitui. Se a moralidade nos constitui, deve-se considerar que os valores dos quais a humanidade se orgulha também são frutos do processo evolutivo. Ao admitirmos que a

moralidade está atrelada à evolução, então devemos concluir que a natureza da moralidade não é objetiva.

Não podemos simplesmente nos despir da moralidade. Mesmo que o desejemos, não é possível nos livrarmos dela, pois não é possível afastar-se da própria natureza biológica. Ainda que seja um conjunto de crenças criado por humanos, que haja a subjetividade implícita, o fato é que a moralidade faz parte de nós. Não é uma escolha individual, pois embora se possa optar pela imoralidade ou pela ilegalidade, a presença do edifício da moralidade sempre estará presente, ainda que se opte por desafiá-lo.

De acordo com as pesquisas de Frans de Waal, a moralidade não nasce de decisões tomadas ou impostas; é inata ao comportamento social humano. Além disso, o autor esclarece também que não se trata de algo privativo do ser humano, pois assim como evoluiu na humanidade, evoluiu também em outras espécies, como os primatas, por exemplo:

Negligenciar o terreno comum com outros primatas e negar as raízes evolutivas da moralidade humana seria como chegar ao topo de uma torre e declarar que o restante da construção é irrelevante, que o conceito precioso de “torre” deveria ser reservado ao seu topo. Embora nos leve a bons debates acadêmicos, a semântica é, em geral, uma perda de tempo. Os animais são morais? Deixe-nos concluir simplesmente dizendo que eles ocupam vários andares da torre da moralidade. A rejeição dessa modesta proposta pode apenas resultar em uma visão empobrecida da estrutura como um todo.⁴

A moralidade, tal como se apresenta hoje, foi produzida pela contingência, uma vez que o processo evolutivo não tem uma direção certa e necessária. Ao contrário, as circunstâncias o esculpem. Desta maneira, se outras tivessem sido as circunstâncias, de outra forma teríamos evoluído, sendo outro o conteúdo moral, sendo outra nossa própria natureza. Sendo assim construída a moralidade, os preceitos morais não variam quando se modificam os sentimentos, entremeados que estão em nossa natureza, na natureza dos animais humanos e não humanos.

Destarte, o autor afirma não haver moralidade no mundo externo a nós, uma vez que a moralidade faz parte de nossa natureza, e pode ser compreendida pelo estudo da evolução natural, observando-se ainda o desenvolvimento cultural.

Fato é que os valores não são produtos de uso exclusivo da humanidade, como nos esclarece Frans de Waal, e outro fato em destaque é que não se pode ignorar as bases da biologia, nem tampouco a evolução das espécies. Tudo o que somos é resultado da

⁴ Waal, Frans de. *Primatas e Filósofos*. São Paulo: Palas Athena Editora, 2020, p. 214.

evolução, inclusive a crença na superioridade do ser humano, na ideia de que tudo o mais presente no universo que nos abriga existe unicamente para nos servir.

A carga moral que nos habita é resultado do processo evolutivo, e como essa moralidade se desenvolverá em tempos vindouros não nos é dado saber, uma vez que não existem planejamentos prévios para a evolução: tudo depende das circunstâncias. Nesta ideia reside a importância da discussão de temas atrelados à categorização da vida e dos rumos das ciências biológicas pela Filosofia contemporânea.

2.2- O SUJEITO ÉTICO CONTEXTUALIZADO

O homem não é sua própria natureza, porque essa natureza se vê confiscada no próprio viver social, embora Frans de Waal esclareça que nossa espécie possui uma evidente natureza plenamente social, pois não nascemos para ser solitários, para desfrutar de uma vida sem os outros.

A ciência é dotada da capacidade de tapar os buracos deixados pela mistificação que o homem sofre de si mesmo. A história precisa apontar que o ser se faz sob o signo do tempo percorrido pela humanidade. A psicanálise precisa apontar para o inconsciente e as suas características, inclusive, aquelas que podem sujeitar os seres humanos a imaginarem-se no poder de si. A sociologia tem que mostrar que aquilo que ele entende ser é, certamente, não algo universal, mas sim uma experiência local de seu lançamento no mundo. As ciências sociais funcionam dando resposta ao que significa a moral. A contra-argumentação dos naturalistas se baseia na sugestão de que no próprio termo “natural” esteja dado o que é “normal”. Mas a natureza não pode ser dada como fonte de legitimidade, nem de ilegitimidade. O juízo que fazemos do que é natural somente imputa atributos nos quais entendemos como úteis ou prejudiciais para nós.

Chegamos ao século XXI. Tínhamos expectativas de carros voando, vias aéreas sem engarrafamento para nossos carros, robôs em todos os lares e na segurança pública. Mas encontramos negacionismo, a disseminação e a aceitação de ideias retrógradas há muito superadas pela ciência, como a “Terra Plana”, por exemplo. Tentamos combater as fake news.

É inevitável que nos questionemos como é possível que criaturas racionais, com certas expectativas de compreensão da realidade, sejam capazes de cometer tais equívocos.

Há algo a ser pensado. De alguma maneira, nossa concepção de humano racional tem deficiências. Nós não somos tão racionais assim. A democracia fora ofertada a homens livres, capazes de deliberar, de escolher bem. A democracia que espera esse sujeito racional, capaz de fazer as melhores escolhas, não encontra esse sujeito no mundo real.

Há então uma expectativa de racionalidade que não se concretiza, que não se realiza. Há aqui uma circunstância que aponta sérios questionamentos acerca daquilo que esperamos dos seres humanos. Nós nos conhecemos enquanto humanidade?

É possível que acreditemos ser capazes de controlar nossas emoções, de fazer escolhas, de direcionar o foco da atenção moral, mas na contemporaneidade as redes sociais têm grande influência sobre as noções de mundo e de humanidade estabelecidas, que acabam por impactar nossos julgamentos morais.

Isso significa que é possível ocorrer a manipulação, significa que os processos algoritmos podem impactar o jeito como se compreende o mundo. Os processos algoritmos podem inserir o indivíduo em bolhas impregnadas de determinado pensamento, podem aprisionar o sujeito nessas bolhas.

Compreender os desafios desse mundo, que surgem de maneira cada vez mais impactante, é um desafio da filosofia contemporânea. É preciso entender que não somos tão soberanos quanto pensávamos, que estamos à mercê dos algoritmos.

Todavia, havendo a pretensão de alcançar algum entendimento acerca dos compromissos conceituais que fundam a vida das pessoas, é preciso pontuar que o ser humano é livre, capaz de fazer escolhas, capaz de agir, mas essa liberdade se atém ao fato de que esse ser humano é um produto com características prontas, resultado de um processo histórico e evolutivo, que explica a estrutura das coisas como elas são e a consequente visão de mundo.

Como atribuir deliberação e responsabilidade ao ser humano se ele é fruto do que já passou? Esse pensamento colide com nossas expectativas da humanidade, afinal, o ser humano não é tão livre ao deliberar! Está submetido à estrutura imposta pela biologia, história e cultura, em situações e momentos que não controla. Existe todo um processo que nos trouxe até aqui, mas não se pode esquecer que o processo não está finalizado: há uma história a construir. É necessário decidir, com o aporte da racionalidade, quais posturas queremos assumir daqui por diante, pois o presente e o futuro são terrenos férteis para atualizações da concepção do ente humano.

Essa discussão sobre a concepção de humanidade é fundamental para compreender nossos dilemas contemporâneos e também para uma valorização da filosofia, pois acordamos todos os dias com uma série de expectativas filosóficas sobre o mundo e na esmagadora maioria das vezes não temos consciência disso.

Segundo Frans de Waal, a moralidade humana expande-se a partir de tendências preexistentes. Essa expansão é contínua e aponta para o futuro, o que nos leva a compreender que, até pelas expectativas de racionalidade que trazemos, parece haver necessidade de criar consciência acerca da concepção de humanidade que trazemos, e falar a respeito, e, quem sabe assim, construir novas posturas.

2.3 - EXPANSÃO DO CÍRCULO DA MORALIDADE

Como já citado anteriormente, Frans de Waal rejeita com veemência a teoria do revestimento, rejeitando a ideia de que a moralidade possa ser mais firmemente fundamentada em questões culturais do que na biologia, como se não tivesse suas raízes em nossa história evolutiva. Waal nos ensina também que é um grande erro supor que a moralidade seja exclusivamente parte do aparato humano, em detrimento de outras espécies. Tais ideias são compartilhadas por Peter Singer, de modo que ambos compartilham posições semelhantes em certos aspectos, no que concerne ao tema aqui analisado, como se lê nas palavras de Singer:

É encorajador contar com o apoio de alguém tão familiarizado com os nossos parentes primatas e que afirma, com base em seus conhecimentos, que existe muita continuidade entre o comportamento social dos animais não humanos e os nossos próprios padrões morais.⁵

Peter Singer e Frans de Waal compartilham certas posições, e rejeitam-se mutuamente em relação a outras posições, num diálogo enriquecedor ao presente estudo, pois, enquanto Singer defende a expansão da consideração moral para além da humanidade, incluindo nessa consideração os animais não humanos, Waal percebe uma clara impossibilidade de inclusão das demais espécies na consideração moral humana, como será demonstrado.

⁵ Waal, Frans de. *Primatas e Filósofos*. São Paulo: Palas Athena Editora, 2020, p. 172.

Peter Singer, ao analisar o papel da razão na moralidade, esclarece que o ser humano possui capacidades que nenhum outro animal possui, uma vez que não existe nenhum outro animal que se aproxime de nossa capacidade de raciocinar. Porém, as vantagens evolutivas trazidas pela razão não são exclusivamente sociais. A razão nos ajuda a sobreviver, a encontrar água e comida, abrigo e segurança, a nos comunicarmos com nossos pares, controlar o fogo etc. Todavia, a razão também é capaz de nos levar a lugares não desejáveis, como à dominação e exploração de nossos semelhantes, à dominação e exploração de animais não humanos, ao vilipêndio do próprio planeta que nos abriga etc.

Destarte, Peter Singer considera que a moralidade não pode basear-se apenas na razão, nem tampouco considerá-la apenas respostas instintivas ou emocionais isentas de nossa capacidade de raciocínio crítico, pois nossa capacidade de fazer escolhas ocorre num processo que envolve razão e abstração.

O reconhecimento de que somos uma espécie privilegiada em termos de capacidades proporcionadas a nós pela razão, a mim me parece um portal elucidativo da ideia de que precisamos nos importar e nos responsabilizar pelas outras outras espécies, uma vez que somos os mais capacitados, procurando proporcionar melhores condições de vida, não imputando dor e sofrimento com objetivos de lucro, entretenimento, alimentação ou qualquer outra finalidade.

Peter Singer afirma que o fato de não serem membros da nossa espécie não é razão suficiente para que dediquemos aos animais não humanos menor consideração moral, e elucida a perigosa semelhança entre o especismo e outras discriminações que ocorrem dentro de nossa própria espécie, como racismo e sexismo, por exemplo. É aceitável discriminar alguém por ter a pele negra? Por ter olhos verdes? Por ser mulher? Por ser homossexual? Se a resposta a essas perguntas é não, então por qual razão seria aceitável discriminar alguém por não pertencer à mesma espécie? Singer esclarece:

Frans de Waal considera que o paralelismo preconizado pelo movimento dos defensores dos animais entre a abolição do abuso dos animais e a abolição da escravidão é “ultrajante” porque, diferente de negros ou mulheres, os animais não humanos nunca poderão se tornar membros plenos de nossa comunidade. Essa diferença, de fato, existe, mas se os animais não podem se tornar membros plenos de nossa sociedade, os seres humanos com incapacidade intelectual grave também não. Não obstante sua incapacidade, não a consideramos razão para menosprezar sua dor e sofrimento. Do mesmo modo, o fato de os animais não poderem ser membros plenos de nossa sociedade não deveria ser relevante para impedir que se dê igual consideração a seus interesses.⁶

⁶ Waal, Frans de. *Primatas e Filósofos*. São Paulo: Palas Athena Editora, 2020, p. 188.

Experiências de dor são igualmente ruins, e isso não depende da espécie a que pertence o indivíduo vítima dessa dor. Singer abraça o princípio da igual consideração de interesses semelhantes, sendo que esses interesses se resumem basicamente a não sofrer, e alerta que precisamos perceber que as diferenças entre nós e os outros animais são apenas uma questão de grau, e, uma vez que se entenda isso, é possível que alcancemos um tratamento melhor a todos os animais.

Frans de Waal defende a ideia de que é impossível dedicar a mesma consideração moral a todas as espécies:

Considerando quão bem a orientação para o próprio grupo tem servido à humanidade há milhões de anos e quão bem ainda nos serve, é impossível que um sistema moral possa dar a mesma atenção para toda a vida na Terra. O sistema deve estabelecer prioridades.⁷

Segundo Waal, as prioridades estabelecidas pelo sistema restringem a expansão do círculo da moralidade, uma vez que os compromissos morais estão intimamente atados à sobrevivência e bem estar pessoal, estendendo-se aos grupos mais próximos, numa escala de prioridades:

A ideia de que os indivíduos possam fazer diferença no grupo foi levada muito adiante em nossa própria espécie. Ativamente insistimos em que cada indivíduo tente fazer a diferença para melhor. Elogiamos as ações que contribuem para o bem maior e desaprovamos as ações que prejudicam a construção social. Aprovamos e desaprovamos, mesmo se nossos interesses imediatos não estiverem em jogo. Vou desaprovar o indivíduo A que está roubando o indivíduo B, não apenas se eu for B ou parente de B, mas também se eu não tiver nada a ver com A ou com B, unicamente por pertencermos todos à mesma comunidade. Minha desaprovação reflete a preocupação com o que aconteceria se todos comessem a agir como A: o roubo desenfreado não serve a meu interesse a longo prazo. Essa preocupação com a qualidade de vida em uma comunidade um tanto abstrata, contudo ainda egocêntrica, é o que sustenta a perspectiva “imparcial” e “desinteressada” ressaltada por Philip Kitcher e Peter Singer, que está na raiz de nossa distinção entre o certo e o errado.⁸

Mesmo nos momentos em que os indivíduos se preocupam com o outro, como pano de fundo estará a preocupação consigo mesmo, uma vez que o edifício social me inclui dentre aqueles que se abrigam sob sua égide, segundo Frans de Waal. Porém, se esta afirmação procede, como explicar que cada vez mais pessoas aderem ao veganismo ao

⁷ Waal, Frans de. *Primatas e Filósofos*. São Paulo: Palas Athena Editora, 2020, p. 195.

⁸ Waal, Frans de. *Primatas e Filósofos*. São Paulo: Palas Athena Editora, 2020, p. 204.

tomarem consciência dos sofrimentos impostos aos animais não humanos? Haveria nestas pessoas a preocupação com seus próprios interesses?

De acordo com estudo realizado pelo IBOPE Inteligência, em 2018, cerca de 14% da população brasileira se declara vegetariana – já de acordo com pesquisa do Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria) em 2021, 46% dos brasileiros já deixam de comer carne, por vontade própria, pelo menos uma vez na semana. Com a ajuda dos flexitarianos, cresce a procura por alimentos, roupas e até cosméticos sem produtos de origem animal. De acordo com um estudo da Allied Market Research, o mercado vegano foi avaliado em USD\$ 19,7 bilhões em 2020 e a expectativa é que cresça para mais de USD\$ 36,3 bilhões até 2030. Segundo dados do Ministério da Economia levantados a pedido da CNN Brasil, em 10 anos o número de empresas abertas com o termo “vegano” no nome cresceu mais de 500%. Em 2022, com dados até abril, foram abertas 117 empresas utilizando “vegano”, “vegana” ou “veganos”.⁹

Essa mudança que começa por pontuar a conduta humana parece demonstrar que sim: é possível expandir o círculo da moralidade, apesar do egoísmo cunhado em nós pela necessidade de sobrevivência.

Cabe esclarecer que não é intenção deste trabalho adentrar a discussão acerca do veganismo, mas utilizar a informação para contra argumentar a afirmação de Waal de que há sempre um interesse próprio como pano de fundo. Se o veganismo deve ser apoiado ou combatido, não interessa à presente pesquisa.

2.4- A ANIMALIDADE HUMANA

A animalidade – considerando o conjunto de características presentes em todos os animais, tanto aqueles considerados irracionais, quanto aqueles considerados racionais, mas que preservam uma significativa parte instintiva – não se refere a defeito ou qualidade inferior, mas a algo que integra a natureza de todos os animais, tomando por referência os animais sencientes.

A moralidade humana indiscutivelmente tem significado expressivo quando considerada a evolução das espécies, mas essa moralidade dificilmente rompe com o passado, uma vez que a evolução não se dá em repentes, não ocorre em saltos, como nos ensina Frans de Waal, pois cada novo traço se refere a traços anteriores modificados. Este não rompimento com o passado é o que possibilita que a humanidade, enquanto atributo do

⁹ Chaves, Karla; Bronze, Giovanna. *Mercado Vegano Cresce no Brasil com a ajuda dos flexitarianos, mostra pesquisa*. CNN. São Paulo, 31 maio 2022.

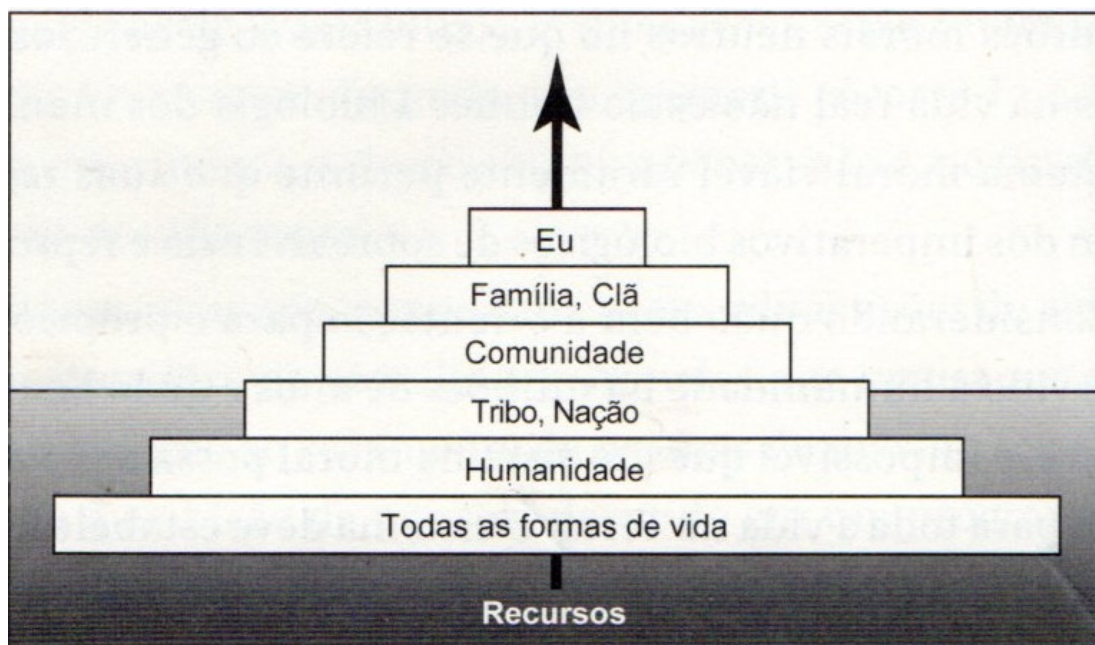
ser humano, não seja apenas tentativa de racionalizar tudo, que comporte as emoções, os instintos, os ímpetos.

A moralidade vem impor limites ao comportamento, auxiliar nos conflitos de interesses, impondo a necessidade de ajudar ou não ferir os outros. Caso a ação não se dirija a ajudar ou não ferir o outro, esta ação será considerada amoral. Porém, se a ação se destina a não ajudar ou mesmo a ferir o outro, estaremos diante de uma imoralidade.

Cabe aqui esclarecer que as convenções sociais não se ancoram necessariamente em questões morais, pois nem sempre estão relacionadas a ajudar ou ferir os outros, inclusive diferindo enormemente entre culturas diferentes, sendo alguns comportamentos considerados ofensivos em determinado país e recomendados em outros. No entanto, as regras morais são muito mais constantes, pois limitam-se a impactar o bem-estar do outro.

Fato é que a moralidade evoluiu para que cuidemos uns dos outros dentro de nossa própria comunidade, e, mais recentemente, começa a incluir outras comunidades, outras espécies e a humanidade como um todo.

Figura 1 – Pirâmide flutuante representando o círculo em expansão da moralidade humana



Fonte: Waal, Frans de. *Primatas e Filósofos*, p. 196¹⁰

¹⁰ Figura 1 - O círculo em expansão da moralidade humana é, na realidade, uma pirâmide flutuante, vista de cima. A lealdade e o dever para com a família imediata, clã ou espécie, contrapõem-se à inclusão moral. O altruísmo torna-se mais delgado à medida que nos afastamos do centro. A flutuabilidade da pirâmide (isto é, os recursos disponíveis) determina a magnitude da parte que emergir da água. Assim sendo, a inclusão moral dos

A expansão dessa moralidade, de forma a abarcar todas as espécies, se vê limitada pela escassez de recursos. Assim, enquanto imersos em abundância, se torna possível e recomendável expandir a outros fora de nossa comunidade, porém, conforme houver redução de recursos, a expansão paralisa e até mesmo retrocede, com vistas ao objetivo último que seria a própria sobrevivência, e a sobrevivência dos grupos a que se pertence, como família, comunidade, país, humanidade, e, no final em escala de importância, vêm as outras formas de vida que não sejam humanas.

A necessidade de sobrevivência é responsável pela falta de equidade entre os grupos diversos, assim como as estratégias para sua garantia, cuja origem vem de tempos longínquos, mas que foram preservadas e enraizadas pela evolução das espécies. Assim é que a moralidade cria o dever da lealdade, o que se pode perceber em outras espécies, além da espécie humana.

Frans de Waal nos explica a impossibilidade de expansão do círculo moral sob o argumento da escassez de recursos, mas creio oportuno que se questione as nuances deste argumento, uma vez que o que se testemunha é o acúmulo de tais recursos por alguns poucos “privilegiados” em detrimento da grande maioria. A distribuição de renda é desigual, e os recursos são acumulados com objetivo de acúmulo de riquezas. Esta é também a razão pela qual animais não humanos, vítimas do especismo, são submetidos a tratamentos cruéis, são coisificados: eles são fonte de riqueza para o animal humano.

Afirmar que a moralidade é resultado de todo um processo evolutivo não é afirmar que a moralidade se abriga em nossos genes, pois não existem regras morais neles impressas. As capacidades com as quais nascemos nos tornam capazes de internalizar o engenho moral da sociedade que nos abriga, o que deixa claro que existe um conjunto de fatores influenciando a continuidade do edifício moral.

Assim é que a animalidade existente nos seres humanos se vê, em certos níveis, adestrada pela moralidade. A maioria dos animais têm comportamentos altruístas, ainda que custosos para o agente, desde que benéficos ao beneficiário da ação, assim como muitos animais sociais apresentam resposta empática ao sofrimento ou à súplica. Alguns animais de cérebro grande têm, inclusive, consciência de como o outro se beneficiará, mas, segundo Frans de Waal, apenas o ser humano, para além de todas essas categorias, ainda é capaz de ter um comportamento altruísta que busca receber benefícios em recompensa.

círculos mais externos é limitada pelo compromisso com os círculos mais internos. Extraído de Frans de Waal, 1996.

3. ESPECISMO

O especismo é uma forma de discriminação contra vidas não pertencentes a mesma espécie. Da mesma forma que o racismo, o sexismo e outros tipos de preconceito, o especismo recorre a argumentos diversos para validar a dominação, exploração e subjugamento de uma espécie sobre outra, imputando sofrimentos terríveis a tantos animais não humanos, numa coisificação da própria vida:

Isto é, a maioria das pessoas acredita que o bem dos humanos é importante em si. E, não apenas isso. Também acredita que o bem dos humanos importa a ponto de que deveríamos fazer algo para mudar sua situação, caso estivessem na posição em que se encontram os animais não humanos. Ao mesmo tempo, a maioria das pessoas acredita que o bem dos animais não humanos não importa o bastante a ponto de que deveríamos fazer algo para mudar a situação na qual se encontram (por exemplo, evitar prejudicá-los, e ajudá-los).¹¹

3.1 – A DISCRIMINAÇÃO DAS ESPÉCIES

Nem todos os indivíduos humanos e não humanos recebem a mesma consideração moral, e disso decorrem diversos tipos de discriminação. Existem seres humanos que são discriminados pela cor da pele, pelo sexo, pela orientação sexual, e por muitas outras razões. Todas essas razões têm em comum o fato de não justificarem que uma consideração moral menor seja dedicada a um indivíduo.

Essa consideração moral diferenciada e sem justificativa discrimina os seres humanos entre si e discrimina as demais espécies. O simples fato de alguém ter nascido com a pele negra não torna esse alguém um ser inferior; este fato não autoriza a dominação e exploração deste ser pelos demais. Quanto a isso, nos dias de hoje, se encontra certa compreensão e aceitação, embora ainda haja muitas lutas no sentido de abolir tal discriminação.

Assim mesmo funciona com as demais espécies. Pelo simples fato de um indivíduo pertencer a uma espécie distinta do ser humano, isso autoriza à humanidade sua dominação e exploração? O especismo consiste justamente em dar consideração moral diferente a diferentes seres sencientes devido a razões injustas.

¹¹ Cunha, Luciano Carlos. *Uma breve introdução à ética animal desde as questões clássicas até o que vem sendo discutido atualmente*. Curitiba: Appris, 2021, p. 28.

Se o indivíduo humano se sente discriminado por alguma razão injusta, o resultado é indignação e revolta. Ao imaginar, por exemplo, que um vendedor se negue a vender certo produto a alguém interessado, e, ao serem questionadas suas razões, ele simplesmente responde que pessoas de olhos verdes não serão atendidas naquela loja. Ora, ninguém, em sã consciência aceitaria tal justificativa.

Uma pessoa negra é impedida de frequentar certo restaurante apenas pela cor de sua pele, e isso é inaceitável. Um certo animal é picado vivo, sendo submetido a dores lancinantes, apenas por pertencer a outra espécie que não a humana, e a inaceitabilidade dessa ação nem sequer é questionada.

Dar consideração moral aos outros significa que importa a maneira como esses outros serão afetados por nossas ações e omissões. Por nossas atitudes e por nossas decisões. E é muito importante, neste contexto, explicitar que o “outro” não precisa ser, necessariamente, um outro ser humano. Todo animal senciente, todo animal que recebe informações pelos sentidos, que recebe impressões, merece a mesma consideração moral dedicada aos animais humanos, porque a dor e as emoções afetam a todos. O sofrimento não é prerrogativa do ser humano.

A crueldade das ações humanas com relação aos demais animais sencientes atingiu um nível absurdamente alto, e o afastamento da espécie humana com relação às demais espécies, aboletada num pedestal de superioridade, já não permite que as pessoas se deem conta da irracionalidade de suas posturas.

3.2 – DOMINAÇÃO E EXPLORAÇÃO

A discriminação muitas vezes tem como consequência fatídica a dominação e a exploração; os humanos fazem isso com os outros, sejam animais humanos ou não humanos. Não é impossível haver discriminação sem que haja a consequente exploração, mas infelizmente é uma consequência bastante comum. Independe de sistemas econômicos, sociais ou políticos, indpeinde de território. Onde quer que a espécie humana se faça presente, lá estará também a dominação e a exploração. Parece tratar-se de um aspecto cultural já mesclado no DNA humano, como afirma Luciano Carlos Cunha:

A discriminação especista é tão comum que a maioria das pessoas não pensa questioná-la exceto em casos onde o tipo ou o grau de discriminação é incomum. Como resultado, seres humanos exploram animais não

humanos ao longo do dia a dia, utilizando-os como recursos. Isso acontece de diversas maneiras. Os animais não humanos são consumidos como comida, utilizados para vestimenta, atormentados e assassinados para entretenimento, explorados para trabalhar, e criados e assassinados para que as partes de seus corpos possam ser utilizadas como matéria-prima de cosméticos e outros produtos de consumo. Eles são, essencialmente, escravos.”¹²

Não surpreende mais que o Curso de Medicina Veterinária seja voltado ao bem humano, e não ao bem dos animais não humanos, uma vez que o especismo faz parte de nossa sociedade de maneira arraigada, forte e, quase que invisível diante da falta de questionamento.

A discriminação, a dominação e a exploração acontecem ainda que não haja uma postura ativa do indivíduo em direção a isso: basta sua inação, o que faz com que as práticas cruéis sejam perpetuadas, numa espécie de anuência explicitada pelo silêncio. Assim, os animais não humanos são torturados apenas para que animais humanos se divirtam, são criados em condições de dor e extremo sofrimento para serem mortos e terem partes de seus corpos utilizados em cosméticos, são submetidos à escravidão, a dores lancinantes, sofrimento excruciante, sem que seus algozes consigam perceber ou se importar com o fato de que são seres vivos, sencientes tanto quanto nós humanos, e que, por isso mesmo, merecem consideração moral plena.

3.3 – POLÍTICAS PÚBLICAS

O ser humano não é algo apartado do universo onde vive: faz parte desse universo, é natureza da mesma forma que a natureza que o cerca. Porém, ao longo da evolução a humanidade revestiu-se da postura de predadora dessa natureza da qual faz parte, cultivando a exploração mineral, animal e vegetal sem limites, de forma sistemática e abusiva, utilizando os animais não humanos como se não fossem dotados de sensibilidade e sentimentos, como nós. É imperativo que se corrija tal postura enquanto há tempo, pois a humanidade vem destruindo o planeta Terra, sem perceber que destrói a si mesma, pois existe interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural. É imperativo que se corrija tal postura porque não é aceitável que imputamos ao outro sofrimento perfeitamente evitável, ou que continuemos rumo a um verdadeiro suicídio da humanidade.

¹² Cunha, Luciano Carlos. *ÉTICA ANIMAL. Especismo. Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 24 out., 2015. <https://www.animal-ethics.org/especismo-pt/>

As políticas públicas têm grande relevância nesta questão, pois através delas se dá a condução da sociedade, aí considerando todo o nosso ordenamento jurídico em sua função regulatória. Na própria Constituição Federal de 1988, a carta magna em vigor, se pode perceber o caráter especista ao positivar atividades exploratórias de animais visando o bem-estar da humanidade. No ordenamento jurídico brasileiro existem inúmeros exemplos da postura especista já arraigada entre nós, que, de tão intimamente normalizada, não é percebida ou questionada.

Sendo a educação a única via eficaz de transformação existente, é consequência que as práticas sociais estejam diretamente associadas à educação que o indivíduo recebe. Assim é que a educação ambiental se torna capaz de estimular a formação de novas gerações comprometidas com a recuperação e a preservação do meio ambiente, possibilitando a renovação do olhar sobre o outro, sobre o espaço onde se vive, sobre a diversidade, promovendo o respeito, a valorização dos mais diversos grupos sociais e dos ambientes que a todos acolhe, e despertando a consciência do respeito à vida dos animais não humanos:

Em uma perspectiva abolicionista, nosso esforço aqui foi o de problematizar os modos usuais de se lidar com os animais não humanos praticados nas escola básica, tensionando-os para que seja possível pensar, junto com jovens e crianças, que os animais são sujeitos de suas vidas e não objetos de propriedade, desafiando assim nosso senso de superioridade humana e individual, nosso especismo, reconhecendo-nos como parte de uma rede, interconectada há milhares de anos, percebendo-nos não como fragmentos isolados que se somam, mas como importantes partes singulares de um amplo e vivo coletivo, com o qual compartilhamos nossa finitude e nossa vulnerabilidade.¹³

Na medida em que se conscientiza o aluno acerca de questões fundamentais como especismo, o resultado é que, através da educação, se entrega à sociedade adultos capazes de entender e valorizar a vida, capazes de arcar com a responsabilidade de sermos dotados da capacidade de raciocinar, e, por isso mesmo, temos obrigações morais com toda a vida e não apenas com a vida humana.

É preciso que a escola trabalhe no sentido de ensinar a pensar, de forçar o pensamento a problematizar o especismo e buscar caminhos que produzam novos olhares, de maneira que nossos alunos venham a descobrir novas formas de se relacionar com as vidas não humanas, com o respeito que toda vida merece.

¹³ Mello, Ana Luiza Gonçalves Dias; Dias, Rosimeri de Oliveira. “Por uma formação inventiva anespecista”. *Mnemosine*, Vol. 16, nº 1, p. 208-231 (2020).

A escola precisa garantir a todos a apropriação do conhecimento acumulado pela humanidade, precisa contribuir sobremaneira para a formação e desenvolvimento integral do indivíduo, desenvolvendo suas habilidades, auxiliando-o a tecer uma visão de mundo consistente e coerente, tendo por base valores éticos, além de promover o processo de coletivização, procurando emergir dessa individualização em que o mundo contemporâneo parece ter mergulhado. A escola pode construir gerações futuras capazes de estender a consideração moral aos animais não humanos.

3.4 – EMPATIA ENTRE ESPÉCIES

“Se eu fosse Deus, me esforçaria para que os humanos alcançassem a empatia.”
(de Waal, Frans. *A Era da Empatia*, p. 288)

A construção de uma relação de empatia entre as diversas espécies parece ser tarefa sobremaneira difícil para o ser humano, se consideradas as dificuldades desse tipo de relação entre a própria espécie. Se, por um lado, podemos nos encantar e deixar envolver pelo esforço de várias pessoas unidas para salvar as baleias encalhadas numa praia, por outro, somos espectadores de guerras entre países nas quais milhares de vida são tiradas, ou de atos terroristas, ou mesmo somos capazes de testemunhar seres humanos moradores de rua, com fome e frio, e nada fazemos para mudar isso.

Assistir a uma cena de dor e tristeza pode emocionar e despertar empatia, mas empatia esta que não se converterá em ações, representando apenas um momento de emoção. No geral, o cuidado consigo mesmo e com seu grupo mais próximo prevalecerá em detrimento de qualquer ação em direção ao bem estar do outro, seja lá qual for este outro.

Tudo isso faz parte de algo maior: parece que a humanidade esqueceu que faz parte da natureza. Referimo-nos à natureza como algo apartado de nós, assim como nos referimos aos animais não humanos como “os animais”, como se animais não fôssemos. Qual seria então nossa classificação? Seríamos minerais? Quem sabe fungos? Ou será que a biologia já ampliou a nomenclatura de classificação dos reinos e criou um reino exclusivo para o ser humano? Isso justificaria o fato de nos referirmos aos animais não humanos como “os animais”.

Os humanos compartilham o planeta com outras espécies e é preciso que haja o entendimento de que somos apenas um animal dentre tantos outros, e que é nosso dever

respeitar as outras espécies, assim como todo o planeta. E isso somente traria benefícios para todos, inclusive para nós, humanos.

4 UM NOVO OLHAR SOBRE A MEDICINA VETERINÁRIA

4.1 – DEFINIÇÃO DE MEDICINA

“O operário faz a coisa e a coisa faz o operário.”
Vinícius de Moraes

Medicina é a ciência que estuda a saúde como um todo. Seu objetivo é prevenir e combater doenças, manter a qualidade de vida e promover o bem-estar, seja ele individual ou coletivo. No desempenho da atividade médica, o profissional busca atuar de forma holística, procurando compreender os gatilhos perceptíveis e os imperceptíveis das patologias no indivíduo, de maneira a alavancar o bem-estar, o equilíbrio e a saúde.

O paciente é alvo dos estudos e dos esforços desenvolvidos, pois o objetivo é a erradicação das doenças e a manutenção da saúde.

Obviamente tais considerações estão num campo ideal, embora seja sabido que existem a medicina ideal, a medicina real e a medicina possível.

A medicina possível é exercida dentro dos limites das considerações sociais, financeiras, políticas. Trata-se da medicina real, que tem como alvo e referência a tradição da medicina ideal, exercida para atender as necessidades individuais e coletivas dos seres humanos que constituem a sociedade.

Destarte, ser médico é dedicar-se à vida, ao cuidado com a vida numa esfera maior e mais ampla que a tomada de dados biológicos, mas numa compreensão unívoca de que o paciente é um indivíduo complexo, num misto de psique, contexto social, histórico de vida e dados biológicos. É preciso garantir a segurança do paciente. Um médico dedica-se ao ofício com humildade, com paciência, compaixão, diligência, cuidado.

O médico veterinário é esse mesmo profissional, cuja clientela são os animais não humanos. Esse profissional com tamanha dedicação e objetivos nobres, que deveria poder se dedicar e nobremente objetivar o bem-estar de seus pacientes, dedicando a estes a mesma consideração moral.

A medicina, seja ela humana ou veterinária, parece ser uma instituição voltada ao cuidado com a vida, à prevenção de doenças, ao tratamento das patologias com vistas à cura e à manutenção da saúde. Ocorre que o alvo de seus cuidados deveria ser, imperativamente, o animal humano na medicina humana e os animais não humanos na medicina veterinária.

4.2 – FUNDAMENTAÇÃO DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO

As Ações de Saúde única são exercidas pelo médico veterinário desde o início da Medicina Veterinária enquanto instituição, prevenindo, controlando ou erradicando doenças, garantindo a saúde dos animais não humanos e a qualidade e inocuidade dos alimentos de origem animal para a população. Assim exercendo a profissão, esse profissional acaba por desempenhar funções que estão para além do cuidado com a vida dos animais não humanos, uma vez que se preocupa com a vida dos animais humanos, com sua alimentação, saúde e bem-estar.

Fato é que, tão importante quanto a vida humana é toda vida existente no planeta. É possível perceber que há algo desconexo na atividade da medicina veterinária, como o exercício de funções que deveriam ser especialidades da medicina veterinária desenvolvidas em cursos de pós-graduação, de forma a possibilitar o exercício de uma medicina veterinária realmente voltada ao cuidado com a vida dos animais não humanos, sem a devida atenção às atividades que destinam a medicina veterinária aos cuidados com os animais humanos.

A legislação prevê e fundamenta os cursos de pós-graduação, possibilitando a estruturação da formação acadêmica de forma a atender às necessidades de aprimoramento das carreiras:

Art. 44. A educação superior abrangerá os seguintes cursos e programas: I - cursos sequenciais por campo de saber, de diferentes níveis de abrangência, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino, desde que tenham concluído o ensino médio ou equivalente (Redação dada pela Lei nº 11.632, de 2007); II - de graduação, abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo; III - de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino; IV - de extensão, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino.”¹⁴

Parece consequência natural do próprio texto legal que cursos de pós-graduação fossem incumbidos de capacitar médicos veterinários cuja opção seja atuar no cuidado com a saúde humana, pois, como se sabe, via de regra, o acesso aos cursos de pós-graduação se dá após a conclusão de um curso superior de graduação, quando se escolhe uma área de

¹⁴ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB)

interesse para aprofundamento. Nesse momento, opta-se por um curso, que oferecerá um aprendizado mais específico e detalhado sobre um determinado tema ou área de estudo.

4.3 - ÉTICA INTIMISTA NA FILOSOFIA DA MEDICINA VETERINÁRIA

Cumpra finalmente lançar luz sobre a escolha de palavras que compõem o título do presente estudo, uma vez que foram investigados conceitos cuja compreensão é fundamental para que se faça a clareza no entendimento dessa escolha. Não se trata aqui de uma investigação acerca dos limites e alcances dos dilemas éticos vivenciados diuturnamente pelos profissionais da área, dilemas esses que são muitos e merecem a devida atenção, conforme diversos estudiosos apontam. Conforme consta no Global Bioethics Encyclopedia, “a ética veterinária é a aplicação de teorias, princípios e regras éticas por profissionais e paraprofissionais na resolução de dilemas éticos na prática dos cuidados veterinários”.¹⁵

Os dilemas éticos presentes no desempenho da profissão de médico veterinário englobam questões sérias e delicadas como eutanásia, produção animal com maior lucratividade e menor sofrimento, relação médico-paciente com o proprietário do paciente etc. Embora digno de protagonismo, o tema “ética veterinária” difere substancialmente do tema “Filosofia da Medicina Veterinária”. O presente estudo trata da ética que fundamenta o curso que forma o profissional médico veterinário, buscando a fundamentação filosófica que culmina na concepção da própria medicina veterinária, excluídos os princípios éticos que norteiam os profissionais envolvidos.

Na hipótese de tomarmos por fio condutor o argumento da igual consideração, dedicando real consideração moral às espécies não humanas, seria possível vislumbrar um mundo no qual o curso de medicina veterinária se ocupasse inteiramente da saúde dos animais não humanos.

Porém, Waal nos diz que não é possível igual consideração moral a todas as vidas, e, ainda que utilizemos seus argumentos como fio condutor, ainda assim seria possível vislumbrar o curso de medicina veterinária voltado unicamente para os animais não humanos, pois existem os cursos de especialização para capacitar os médicos veterinários que virão a atuar nas áreas que visam a saúde humana.

¹⁵ Veterinary Ethics Chapter - Global Bioethics Encyclopedia . Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/521266712/VeterinaryEthicsChapter-GlobalBioethicsEncyclopedia> (acesso em 12/11/2023)

O curso de medicina veterinária é estruturado também com objetivos de oferecimento de cuidados para com a saúde humana, atuando na formação acadêmica como multiplicador do especismo já tão arraigado em nós, e por essa razão constam dentre as disciplinas obrigatórias do curso aquelas destinadas à produção, ao controle e fiscalização que objetivam o enriquecimento através do consumo de alimentos de origem animal, justamente por termos desenvolvido esse código de moralidade que denominei ética intimista, que não nos autoriza empreender um curso de graduação que não se volte ao bem humano, que seja inteiramente dedicado ao benefício de outras espécies.

Felizmente vem crescendo a consciência do absurdo de imputação de sofrimento a animais não humanos, mas ainda existe um longo caminho de conscientização, de questionamentos e discussões. Talvez seja impossível alcançarmos a igual consideração, como nos diz Frans de Waal, mas devemos persegui-la, e diminuir a cada dia a distância que nos separa de uma vida mais digna para todos os seres sencientes, e certamente é possível entendermos, a humanidade, que nossa capacidade de raciocinar nos confere capacidades que nos tornam moralmente obrigados a nos responsabilizar pelas vidas cujas capacidades são menores.

CONCLUSÃO

Um trabalho com o direcionamento deste não poderia pretender abarcar toda a vastidão e complexidade da questão ética na medicina veterinária ou na humanidade, nem tampouco alcançar todas as suas facetas, nuances e peculiaridades. O tema é por demais amplo e complexo, razão pela qual a superficialidade com que as questões são abordadas pressupõe a continuidade dos estudos e o empreendimento de maiores esforços na pesquisa do pensamento filosófico que fundamenta a relação entre os seres humanos e as demais espécies como resultado da ética intimista da humanidade.

A ingenuidade que movia o início desta pesquisa desvaneceu-se em seu decorrer, e a angústia do pensar abrigou-se no entendimento de que somos, a humanidade, uma sequência de equívocos tão arraigados, já aderidos em nossa composição física e psíquica, que parece inútil gritar, parece inútil anunciar que estamos no caminho errado.

Muitos são os autores que legaram sua contribuição para a construção dos saberes buscados pela humanidade, e essa busca deve ser contínua, de modo a justificar a própria condição humana.

Pensar a condição humana, e tudo o que faz significar o conhecimento de mundo que existe hoje é imprescindível. Considerando o contexto histórico do qual somos herdeiros, a evolução biológica da qual somos produto, e a certeza de que as mudanças ocorridas hoje desenharam um novo momento no futuro, torna-se muito desejável e recomendável que a humanidade seja capaz de exercer sua capacidade de pensar, sua inteligência, sua racionalidade para mudar sua postura diante da própria vida, e estabelecer um vínculo de co-existência pacífica com toda a vida que a cerca, descendo do pedestal de dominador que usa essa vida presente no planeta e dando início a uma verdadeira era de empatia.

Peter Singer vislumbra a possibilidade de sermos capazes de entregar igual consideração moral às demais espécies, mas Frans de Waal discorda, ancorado no argumento de que não evoluímos para isso, pois, “a moralidade evoluiu para lidar com a nossa própria comunidade em primeiro lugar”.¹⁶ Ocorre que a vida quer sobreviver, e isso também é um efeito da evolução das espécies, porém toda vida deseja desesperadamente existir, e não apenas a vida humana.

Hoje, Frans de Waal observa a impossibilidade de concessão de igual consideração a toda vida. Porém, se formos capazes de romper o paradigma do caráter relacional e temporal

¹⁶ Waal, Frans de. *Primatas e Filósofos*. São Paulo: Palas Athena Editora, 2020, p. 196.

da ética atrelado ao presente, e evidenciarmos o simples fato de que somos frutos do devir e estamos no devir, será possível caminhar de mãos dadas com Peter Singer na busca da igualdade de consideração moral a todos os seres que, igualmente sentem dor, sofrem e têm direito a uma existência real, na qual possam experimentar o que é viver.

A filosofia olha para trás e percebe os caminhos trilhados pelo pensamento humano, e entende a eterna busca de conhecimento do homem, mas é importante que olhe também para a frente, e perceba que as atitudes de hoje deixarão importante legado para a humanidade, contribuindo para a construção do *ethos* humano, que se dá a cada dia. É preciso provocar o pensamento. É preciso redefinir a concepção de humanidade, e repensar qual conceito de humanidade deve ser preservado e legado às gerações futuras.

Decerto não se pode ignorar que nossos questionamentos não nos trazem o tempo necessário que a seleção natural nos daria para realizar as adaptações e correções que a seleção normalmente realizaria. Contudo, esta obviedade não apaga o eterno devir de nossa existência, o que nos permite crer que as ações de hoje, a nível de humanidade, serão devidamente tratadas pela evolução.

Olhando para a frente, para o futuro, necessário se faz que o curso de Medicina Veterinária se volte à formação de profissionais inteiramente comprometidos com a saúde dos animais não humanos. Para as demais áreas de atuação do médico veterinário, cuja necessidade e importância não estão sob julgamento, que sejam criados cursos de especialização, ou outras áreas de estudo na graduação, permitindo que a orientação ética dos cursos de Medicina Veterinária seja no sentido de esvair-se do foro íntimo e privado ao qual se encontra atrelada, possibilitando assim que os Médicos Veterinários sejam formados em medicina, em seu significado último e primeiro, dedicados à saúde dos animais não humanos. Desta forma a sociedade só teria a lucrar, assim como toda a vida do planeta; pois uma vez criados cursos de especialização, os profissionais interessados em atuar em abates, comercialização de carnes e outros produtos animais, bem como fiscalização e qualquer outra área necessária à saúde humana, poderiam, à sua livre escolha, especializar-se.

No curso de Medicina veterinária ou em qualquer curso, desde a alfabetização até o doutorado, desde os braços maternos até o túmulo, a educação precisa acontecer alicerçada sobre novas bases, concretizando o entendimento de que o ser humano tem obrigação ética com tudo o que vive, e não apenas com outros seres humanos.

REFERÊNCIAS

- BIRGEL, Eduardo; DEVELEY, Alexandre. *Medicina Veterinária: uma profissão moderna e abrangente*. Disponível em: < <http://apamvet.com/boletim02.pdf> > acesso em: 25 de abril de 2023.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB) - Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. (Acesso em 08/11/2022)
- CUNHA, Luciano Carlos. *Uma breve introdução à ética animal desde as questões clássicas até o que vem sendo discutido atualmente*. Curitiba: Appris, 2021.
- CUNHA, Luciano Carlos. ÉTICA ANIMAL. Especismo. Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais, 24 out., 2015.
<https://www.animal-ethics.org/especismo-pt/>
- CRMVSP. Disponível em:
<https://crmvsp.gov.br/sim-a-medicina-veterinaria-tambem-cuida-da-sua-saude/> (acesso em 05/11/2023)
- CFMV. Disponível em:
<https://www.cfmv.gov.br/areas-de-atuacao-do-medico-veterinario/medicos-veterinarios/2020/01/29/> (acesso em 16 de maio de 2022)
- CHAVES, Karla; BRONZE, Giovanna. *Mercado Vegano Cresce no Brasil com a ajuda dos flexitarianos, mostra pesquisa*. CNN. São Paulo, 31 maio 2022. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/mercado-vegano-cresce-no-brasil-com-ajuda-d-e-flexitarianos-mostra-pesquisa/> (acesso em 13/11/2023)
- DE SENA DRESSSEL,, T. (2015). A MEDICINA VETERINÁRIA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE: A CIÊNCIA DOS ANIMAIS NA BASE DAS CIVILIZAÇÕES. *Salão Do Conhecimento*, 2015. Disponível em:
<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/4904> (acesso em 21/11/2023)
- FEED & FOOD. *O uso de sangue de boi no dia a dia é mais comum do que você imaginava*. Disponível em:
<https://feedfood.com.br/o-uso-do-sangue-de-boi-no-dia-a-dia-e-mais-comum-do-que-voce-imaginava/> (acesso em 14 de maio de 2022)
- MELLO, Ana Luiza Gonçalves Dias; DIAS, Rosimeri de Oliveira. Por uma formação inventiva anespecista. *Mnemosine* Vol.16, nº 1, p.208-231 (2020) - Parte Especial - Artigos. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/download/52692/34303/180215>
- MIRANDA-SÁ JR, Luiz Salvador de. *Uma introdução à Medicina*. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 2013.
- MOTTA, Nair de Souza. *Ética e vida profissional*. Rio de Janeiro: Editora Âmbito Cultural Edições Ltda., 1984.

SROUR, Robert Henry. *Casos de Ética Empresarial* 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

Veterinary Ethics Chapter - Global Bioethics Encyclopedia . Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/521266712/VeterinaryEthicsChapter-GlobalBioethicsEncyclopedia> / (acesso em 12/11/2023)

WAAL, Frans de. *A era da empatia: Lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *O último abraço da matriarca: As emoções dos animais e o que elas revelam sobre nós*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

_____. *Primatas e filósofos*. São Paulo: Palas Athena Editora, 2020

_____. *Somos inteligentes o bastante para saber quão inteligentes são os animais?* Rio de Janeiro: Zahar, 2021